



## Pais e Filhos

Há dias, passou por aqui um casal mais os filhos. A noiva do mais velho também veio. Pararam, abriram muito os olhos, cabeça virada ora para um lado ora para o outro. Encontraram-se com um mundo de que tinham ouvido falar, mas não conheciam. Acompanhei-os com muito interesse para responder ao interesse que mostraram em saber tudo. Aqueles pais têm filhos ainda pequenos, mais ou menos da idade em que estão muitos destes filhos que vivem conosco. A conversa ficou-se pela educação dos filhos — o tema principal, à medida que fomos caminhando.

— Quantos rapazes têm cá? Como é possível viver assim com tantos...? Como conseguem criá-los e educá-los...?

Estas perguntas não eram feitas por simples curiosidade. Estava bem patente um desejo de saber. E ia adiantando: — É que eu tenho três filhos (eles estavam ali...) e, às vezes, não sei como fazer.

Entrámos na casa dos mais pequeninos. Vêem as camas feitas, o chão limpo, as toalhas dobradas no seu lugar, uma ou

outra cama com a roupa para trás, por causa dos que fazem chichi. Enfim, uma página do livro da nossa vida!

— São eles? Mesmo os mais pequenos?!

— Sim, são eles.

— Lá em casa sou eu, dizia a mãe.

— Agora, compreendo — continuava ela — porque é que os meus filhos nem sempre fazem o que deviam fazer... Têm quem lhes faça tudo, até o que podiam fazer!

Aprofundando um pouco mais este assunto, o segredo de uma educação activa dos filhos está em metê-los onde podem e devem. Quer dizer, dar-lhes oportunidade de pôr em acção o que está escondido no seu interior. Ah!, este trabalho pede tempo aos pais. Este trabalho pede muita atenção e disponibilidade de quem educa. Este trabalho pede inteligência e muito coração. É verdade, educar pede um amor inteligente.

Há três dias, pelo correio, chegou uma carta com uns dizeres de mãe, muito preocupada com a vida dos filhos, já crescidos e a ganhar. Com aquela intuição, tão própria das



O segredo de uma educação activa dos filhos está em metê-los onde podem e devem; quer dizer, dar-lhes oportunidade de pôr em acção o que está escondido no seu interior.

mães, descobriu uma maneira de entrar na vida de seus filhos de modo a render mais e muito mais. Que fez? Pediu a todos que partilhassem do que ganhavam com estes nossos filhos. Amor inteligente, não há dúvida, o amor desta mãe. Sim, só por estes caminhos, filhos, tantas vezes aturdidos por tantas coisas que não enchem a vida, descubrem o sentido para o seu viver feliz.

Ontem, domingo, ao fim da tarde, com toda a família reunida, tratámos de assuntos muito importantes. Estavam os mais novos e os mais velhos. A história da nossa Comunidade é feita por todos e cada um. Nenhum dos que partilham a nossa vida deve considerar-se dispensado da sua colaboração. Nenhum! A vida de uma família é feita por todos os membros. Os irmãos mais velhos têm um papel que lhes é próprio, por serem mais velhos e estarem postos como luz sobre o alqueire para iluminar a Casa. Entre eles, uma referência especial para o grupo de chefes. Olhamos para eles como a menina dos olhos, pois a Comunidade será o que eles forem. Sem eles a família não anda, não cresce, não vive unida. Eles são o segredo da transformação de uma Aldeia como a nossa.

Neles se concretiza, de um modo elevado, o lema da nossa Obra: «De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». É apaixonante, é lindo este trabalho!

Vale a pena gastar a vida para que muitos tenham Vida.

Padre Manuel António

## Lares para Crianças e Jovens

Em 2 de Janeiro último, foi publicado pelo Ministério da Segurança Social um decreto-lei que «visa definir os princípios básicos a que devem obedecer os lares, como forma de resposta social dirigida aos menores transitória ou definitivamente desinseridos do meio familiar». Considerando a validade de outras respostas tais como a adopção e a colocação familiar, reconhece, «no entanto, que é verdade que a resposta lar se mostra também necessária e adequada».

Antes não fosse necessária; mas já que o é, apraz-nos que, por sobre tantas ideias ocas de realidade por aí avulsas, o presente diploma, equilibrada e concretamente, se debruce sobre o papel que cabe à Segurança Social no «garantir a eficácia da resposta lares para

crianças e jovens e o consequente cumprimento dos objectivos da acção a desenvolver por aqueles equipamentos, seja qual for o seu suporte jurídico-institucional».

Mas ainda mais nos apraz a preocupação latente em todo o decreto-lei «quanto ao seu ajustamento às situações reais a proteger e quanto à qualidade humana e técnica» indispensável para que se propicie «o integral desenvolvimento dos utentes e a sua adequada integração no meio social».

Sente-se, enfim, que os problemas dos menores desinseridos

Cont. na 4.ª pág.

## AQUI, LISBOA!

«Senhor dos Céus, mandai para esta lição divina gente que queira trabalhar, que vá ver com seus olhos e apalpar com suas mãos como é a vida dos que moram nas traseiras das cidades, que as fachadas não dizem toda a verdade.» (Pai Américo)

Uma das coisas que mais impressionou a nossa juventude foi, sem dúvida, o contacto vivo e directo com os bairros degradados, mormente na zona de Lisboa. Lembramos com saudade profunda os tempos de vida vicentina, percorrendo Seca e Meca, deparando com as

situações humanas mais críticas, que muito nos ajudaram e enriqueceram. Deus seja louvado.

O exemplo de Pai Américo e de outros sacerdotes, para lá de leigos empenhados na problemática dos mais desfavorecidos, perdura no nosso espírito e constitui lição perene, que nem os anos nem as contingências da existência conseguem apagar, antes pelo contrário.

Responsáveis por uma Casa com 126 Rapazes e assoberba-

Cont. na 4.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Setúbal

No dia 5 de Janeiro procedemos à eleição do chefe e sub-chefe do nosso Lar, de Setúbal. Decorreu numa sala da nossa Escola Primária. E processou-se do seguinte modo: Não havia candidatos apontados, éramos todos candidatos à chefia. Votaram os que pertencem às oficinas e os que estudam, em Setúbal. Nestas eleições houve três fases. Eis os resultados do primeiro escrutínio: João, oito votos; Albertino, cinco; Fernando, cinco; Francisco, dois; Carlos Nascimento, dois; José Manuel, um; Carlos Inácio, um; Nuno, um; e Paulo Jorge, um.

Foram apurados três candidatos para a segunda volta (João, Albertino e Fernando), porque houve dois empatados no segundo lugar.

O sr. Padre Acílio aconselhou, então, a votarmos mais conscientemente.

Terminada a votação, os resultados foram os seguintes: Albertino, dez votos; Fernando, dez; e João seis. Ainda não foi desta vez que elegemos o chefe!

A terceira foi de vez! Resultado: 17 votos para o Fernando e 11 para o Albertino. A sala parecia ter ficado num impasse, logo interrompido por uma salva de palmas para o eleito e uma palestra do sr. Padre Acílio sobre o resultado das eleições e as responsabilidades que iriam recair nos ombros do Fernando. Apesar de o Fernando não ser o mais velho do Lar — disse o sr. Padre Acílio — espera que todos o respeitem e o ajudem na sua difícil missão.

No fim, e num ambiente de convívio, houve um copo de moscatel para festejar o acontecimento.

Segundo a minha opinião, o Fernando é um rapaz qualificado para exercer o cargo; ele reúne as melhores condições para ser o chefe do Lar de Setúbal.

Mário Correia

## Miranda do Corvo

1986 — «Ano Novo, vida nova!»! Que ano?, que vida?!... Hoje, enfiados na estagnação, apenas celebramos a festa da mudança dos números. Talvez mudar não seja o verbo certo para a solução. É preciso renovar os anos que começam velhos e acabam saturados com tanta miséria... Há tantos por aí que fazem discursos altruístas, mas sem eficiência alguma nos espíritos... É preciso um milagre nascido no fundo de cada um!

O ano que principiou, há dias, quisemo-lo «Ano Internacional da Paz», apesar de tantas guerras e relatos de atentados bombistas, aqui e ali, que ensombram a realização do nosso desejo.

Um outro desejo: tornar o homem verdadeiro símbolo da Paz, como forma de o distinguir dos outros animais.

VIDA FAMILIAR — Em pleno Inverno, e com o frio que faz, não existem grandes episódios a narrar, nem os nossos se prestam a isso. Os mais novos passam parte da manhã

e da tarde na Escola, preparando-se para serem um dia os mais velhos.

Na tipografia temos estado ocupados, e apressados, a tentar satisfazer aqueles que nos procuram com serviços, quase todos de urgência, por causa do I. V. A. Entraram mais dois para a oficina: Miguel e Joaquim Augusto. E saiu o Adelino para cumprir o serviço militar em Setúbal. Temos esperança que alguém nos venha ocupar as máquinas com algo mais forte do que os trabalhos de «remendagem» que temos feito. Não rejeitamos, no entanto, esses trabalhos, pois que «toda a migalha é pão» e enquanto as tivermos, não nos faltará trabalho.

AGRICULTURA — Aproveitando uns dias de sol (neste Inverno chuvoso), plantámos as nossas favas. Do resto a Natureza se ocupará, até que cheguem aos nossos pratos.

As alfaces, que plantámos na estufa, estão já prontas a comer; pena é serem poucas e pequenas! Pouco temos a fazer, nem o tempo deixa. Por enquanto, vamos comendo aquilo que já apanhámos. E se chegar, já nos damos por satisfeitos.

Chiquito-Zé

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CONTAS DE 1985 — Ei-las, na hora própria, transparentes por dever de consciência para com os nossos Leitores (garantes do pão dos Pobres) e para com a Sociedade de S. Vicente de Paulo.

De facto, já é tradição — na primeira edição d'O GAIATO do mês de Fevereiro — publicarmos o relatório sumário da recepção e aplicação globais dos valores materiais que, no ano transacto, passaram pela nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Outros valores mais altos — impossíveis de revelar por números — Deus sabe; e nem sempre há palavras para os caracterizar em toda a sua magnitude! Sinal da presença divina. Argamassa na perseverança das mais variadas acções junto dos Pobres.

Durante o ano de 1985 os Leitores d'O GAIATO contribuíram com 1.576.104\$00 e outras proveniências chegaram mais 1.588\$50.

Auxiliámos, domiciliariamente, mais de vinte famílias (Viúvas, mães solteiras, desempregados, velhos, jovens, crianças, dcentes...) com 949.512\$50.

Contas pagas na botica e mais auxílios na doença: 55.540\$00.

No sector da Habitação distribuímos «pequenos auxílios» por dezoito Autoconstrutores: 220.140\$00; na reparação de cinco moradias do Património dos Pobres — as primeiras levantadas por Pai Américo — e na electrificação de sete delas, já todas com lâmpadas acesas, aplicámos 178.266\$50; mais 94.500\$00 em duas rendas de casas.

Em auxílios escolares partilhámos 15.033\$00. Quando elaborávamos este

apontamento, no íntimo da nossa alma, abeira-se de nós um pensionista (da Segurança Social) d'olhos marejados por não ter quê para uma filha, de doze anos, prosseguir os estudos no Ensino Secundário:

— *Vejam se lhe podem botar a mão...! A cachopa tem qualidades p'ra singrar na vida. Eu não posso...!*

São assim os desabafos dos Pobres. Mais uma estudante por conta dos nossos Leitores.

Além do referida, temos 200\$00 de despesas diversas, mais 54.240\$00 entregues ao Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo — percentagem obrigatória, conforme as disposições regulamentares.

Chegamos ao fim de mãos postas, sem palavras para sublinhar a correspondência pronta e generosa dos Leitores d'O GAIATO — que espalham tanto Bem, por nossas mães, nos arraiais da miséria!

Graças a Deus!

PARTILHA — «Velha amiga», da Capital, um vale de correio: «Este trimestre vai um pouquinho mais; é conforme o que consigo pôr de parte» — esclarece. Mais um acréscimo da assinante 6205, de Goães (Vila Verde). Outro, do assinante 10.004, de Castelejo (Fundão). Mais 1.000\$00 do assinante 3107 que espera, «em breve, poder mandar mais um bocadinho».

Assinante 27063, de Cacém, 500\$00. «Uma migalha para as necessidades da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus» pela mão do assinante 31881, de Vila do Espinhal. Metade da assinante 30060, de Fafe. H. L., de S. Pedro do Sul. Assinante 18913, do Porto, «marca a sua presença com um modesto cheque, pois cada vez é mais difícil a minha presença. Agora, proibiram-me de trabalhar e deram-me a linda reforma de 6.900\$00! Mas continuo a ter muita Fé em Deus e não me assusto! O Senhor está sempre connosco e quem n'Ele confia nada teme». Um acto de Fé!

«Avó de Sintra» não falha e manda 2.000\$00 com «um fraternal abraço». Rua Jorge Ferreira Vasconcelos, Lisboa, «migalhas» num cheque e votos «dum bom Ano Novo na Paz de Cristo». Saudação cristã! Mais um valioso cheque da assinante 22617 — com a Amizade de sempre. Oferta amiga de Maria Antónia, de algures. O costume da assinante 19177, do Porto. Uma remessa mais abonada de «uma portuense qualquer», entregue no Espelho da Moda, Porto, na véspera de Natal. Assim foi, também, com «um pequeno donativo» da assinante 13519. Idem, com outra oferta da Rua das Flores (Porto).

Assinante 25654, de braço dado a «uma amiguinha», leva na mão «pequena quantia oferecida, com muito amor, para secar uma lágrima de alguém muito necessitado». Assinante 3359, do Porto, um remanescente de contas d'O GAIATO. Assinante 22258, também do Porto, e da mesma maneira, «uma migalhinha dada de todo o coração e lamentando não poder enviar mais». Testemunhos d'alma que se repercutem noutras almas! Mais um vale (1.000\$00) da Praia da Aguda, produto duma recolla familiar com significado espiritual. Mais mil do marido da assinante 23387. O costume do assinante 17258, de Baguim (Rio Tinto). Por fim, um cheque de oito contos, pela

mão da esposa do assinante 20909, de Matosinhos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

PRIMEIRO-MINISTRO — Em 17 de Janeiro recebemos a visita do Primeiro Ministro, Prof. Dr. Cavaco Silva, acompanhado da esposa e doutros membros do Governo.

Foi ele que mostrou interesse de nos visitar.

A nossa Aldeia estava repleta de pessoas e os nossos rapazes, por cá, não falavam de outra coisa.

O sr. Padre Telmo e o sr. Padre Manuel António receberam a comitiva no largo da Capela e, depois de permanecerem um pouco na sala dos cicerones, visitaram a tipografia — composição e impressão d'O GAIATO — uma das nossas residências e a serralaria.

No nosso pequeno mas acolhedor

## Mundo civilizado?

Meu Deus,  
Não podes conceber  
Que os homens deixem de viver  
Da igualdade...  
Por vezes a mentira disfarça-se em  
[verdade].

Meu Deus,  
Não podes permitir  
Que a guerra  
E a miséria  
Continuem a ferir  
E a matar  
Animais, mulheres e crianças.  
Este mundo civilizado prepra-se para  
[rebetar]  
Por falta da Tua segurança.

Meu Deus,  
Não podes concordar  
Que a lucrativa indiferença  
Queira instalar  
A sua dureza  
Na vida humana,  
Popular e santa.  
Toda a gente precisa de doce calor  
Que é o amor!

Meu Deus,  
Porquê preocupações,  
Desgraças, medos e sanções?  
A humanidade deve viver unificada  
E não fragmentada.  
Os terramotos  
Provocam destroços.  
E os vulcões  
Agravam as aflições.  
Faz-nos ouvir a Tua voz.  
E que a Tua Luz brilhe sobre nós!

Meu Deus,  
Não estou a apontar...  
Sei que tens fortes razões  
Para estares zangado com as Nações.  
Estou somente a pedir  
Que jamais nos abandones  
E voltes a ser Misericordioso  
Para todo e qualquer povo.

Manuel Amândio

bar, oferecemos um cafezinho quente a toda a comitiva.

Esta foi uma visita invulgar, pois nem todos os dias recebemos a visita de altas individualidades.

SERVIÇO MILITAR — Seis dos nossos rapazes, após os testes médicos e psicotécnicos no Centro de Selecção do Porto, ficaram apurados para a vida militar.

Agora, mais três são chamados à tropa, um marco importante para a vida dos jovens, cuja preocupação principal — depois do cumprimento do tempo nas Forças Armadas — é conseguirem um posto de trabalho que os projecte na vida para o futuro.

DESPORTO — Convidamos, uma vez mais, todas as equipas que desejam defrontar o nosso grupo de futebol; os mais crescidos, evidentemente. A mesma proposta fazemos às agremiações com equipas mais juvenis, pois os pequenitos estão ansiosos por jogar e raramente têm grupos para defrontar.

AGRADECIMENTO — Depois de pedirmos uma máquina de lavar roupa e um aspirador para o Lar do Porto, houve logo resposta na volta do correio! Aqui está o nosso agradecimento ao ofertante — que comprou com muita oportunidade.

Ludgero Paulo

## Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Nós, um casal vicentino, começamos por vos desejar um bom ano, em 1986, com Fé e Esperança, não esquecendo o nosso Pai, que é Deus.

Agora, vamos falar dos nossos Irmãos mais esquecidos e desfavorecidos: Visitamos um casal novo com três bonitos rapazitos desde um ano de idade aos seis anos; casal esse cheio de problemas materiais e morais muito graves, mas com a ajuda de Deus tentamos ajudá-los como irmãos. Os problemas materiais vão sendo reduzidos com as ajudas dos Amigos; os outros com a ajuda de Deus, pois dentro das nossas possibilidades procuramos introduzir na família uma palavra de Fé e Esperança.

Estimado leitor: já pensaste ou meditaste em tudo o que faltou, na quadra natalícia, a todos aqueles Irmãos mais necessitados e envergonhados?!

Pois bem; quantos de nós, dentro das nossas portas, tivemos de tudo a sobrar e, por vezes, a estragar? Calçado, brinquedos, comida, roupas, etc. Não estraguem! Lembrai-vos da nossa Conferência de S. Francisco de Assis.

Muitos Amigos, não esqueceram os nossos Pobres e o Pai do Céu também: não se esquece de quem faz bem.

Recebemos de Joaquim Otero, 1.000\$00; de um anónimo, 1.000\$00; doutro anónimo, 2.000\$00; do assinante, 19109, 200\$00; por alma de José Lopes Graça, 1.000\$00; assinante 19177, 750\$00; Prínciplina Graça, 1.000\$00.

Nunca te arrependas de praticar o bem. O Pai do Céu recompensará.

Augusto e Germana

# SETÚBAL

Está nos meus hábitos e muito ao jeito do Padre Américo, dar contas do que aqui veio ter pelo Natal. São números. A grandeza fica no conhecimento do Eterno. Nem de longe sou capaz de te fazer entender as sombras das centenas de estrelas que iluminaram o nosso Presépio e nos dilataram o coração até ao assombro. As cartas vieram de toda a parte. Do Norte ao Sul do País e muitas do estrangeiro. Todas traziam marcas do sublime! As dos reformados, das viúvas, dos doentes, das mães solteiras, dos trabalhadores, na simplicidade da sua expressão foram as que mais nos enriqueceram. Valia a pena dar a vida toda mesmo só para viver um Natal na Casa do Gaiato. O mundo não entende. Não acredita. Não experimenta. Ele invade as consciências. Domina-as. Por isso os jovens não se aventuram a uma experiência

assim. O mundo diz que eu faço mal em publicar o que me dão. É o critério do mundo. Eu rejeito-me por outra bitola — a do Evangelho.

200\$00 da Maria Luísa, todos os meses. Da Carminda Runa, quinhentos escudos; e de uma pobrezinha de Gametas, de Amora, do Nuno Andretta; da Quinta do Conde, do Aleluia, de uma viúva, de menina de Reguengos, do Funchalinho, de Alcochete, da Virgínia, da Amadora, de Almeirim «a pequena oferta de todo o coração». De D. Zulmira, todos os meses. Mil escudos de Maria Rosa, de uma farmácia do Montijo, de uma senhora que ia ser operada e o mesmo de outra que foi. Dum senhor holandês, da Sara, da Maria Elvira, da Anunciada, de Cascais, de Mougueira, de uma costureira da Quinta do Anjo, de Castelo Branco, do Barreiro, de Pinhal Novo, da Maria de Lourdes, da

Maria do Carmo, de Loures, de uma viúva e outro tanto do seu filho doente por alma dos familiares falecidos; de Lisboa, de Sesimbra, da D. Maria Amélia, de Alcabideche, do Montijo, do Barreiro, do Rogério dos Açores, do José Joaquim. Dois mil do Ramalhão, de Palmela, entregue ao Padre Carlos, de uma costureira de Palmela e da sua filha, do Pião, de um general, de outra viúva muito amiga. Na igreja de S. Julião, de Helena, de Mira d'Aire, de outra costureira doente, da Clara de Faro, do Montijo, do Rui, e de Palmela por intenção de Diamantino e Conceição, da Landeira e de Virgínia.

2.500\$00 de Setúbal, de Lagos e para uma banana para cada rapaz no Natal. Para as abóboras das filhós, 2.100\$00; mais 2.500\$00 de Cascais.

Três mil de uma catequista nossa, da D. Helena, do Domingos, de dois jovens casados na nossa capela, dum professor do Liceu, de Alcochete, de Lago, da Setubauto, da Associação de Caridade de S. Pedro, de Lisboa, dos Empregados do B. N. U. de Setúbal; 3.000\$00 do Porto, 3.500\$00 da Rita Rosa, 4.000\$00 do Rui, da Ilda do Barreiro. Do Conselho Particular dos Vicentinos, 4.250\$00; da Secção de Informática da E. D. P., do Henrique, de uma Amiga, 4.059\$00 de alguns funcionários da Junta A. do Porto de Setúbal. Só de alguns. Nem todos aproveitam a oportunidade que lhes é oferecida.

Cinco mil de Óscar, de Maya, do Ricardo, de Queluz, de Paivas, da Maria Celeste, de Cármen com um magnífico poema de Natal e os rebuçados do escritório, da Escola Primária do Alfeite com uma camioneta de roupas, brinquedos e guloseimas; costureiras do Lar; senhora que ali foi à Missa, deixado à D. Conceição; mais da Quinta do Anjo, de Palmela, da Quinta do Peru, de uma vizinha de Brejos do Assa, de D. Luísa, de Maria de Lourdes, de Jorge Ramos, de Noémia, de outra Amiga, 5.700\$00 de Pragal (Almada), mais cinco mil da Maria Teresa, da Engrácia de Arrentela, da Maria Leonor e da Maria Helena de Lisboa, de Paço de Arcos, do Álvaro; de Viana do Castelo, deixado nas oficinas, da D. Nazaré, do casal Freitas Costa, do Pessoal do Centro Regional, de Rica Faria. Seis mil de Algueirão, da Bernardete de Aveiro, dos Picheleiros, Cascais e Pinhal Novo. 8.100\$00 do Montijo e 9.500\$00 dos professores e funcionários da Escola Preparatória de Sesimbra. Dez mil na capela do Bonfim, da Rosália, entregue à D. Conceição, duma

doente para ajuda do Natal, de Betilde, da D. Alda, da Maria do Rosário, de Rio Maior, da Odete do Montijo, das Irmãs do Outão, da R. O. do Mercado, de Amarante e do Colégio do Amor de Deus, de Cascais; trabalhadores da Sapec, 16.000\$00; e muitos mimos ao Gil. É preciso que o vendedor mereça. Ele, há dias, foi gastar dinheiro da venda em bombas de carnaval. Pessoal da Secil, 14.262\$50. Pessoal da Firma J. M. da Fonseca, de Azeitão, 43.500\$00. Pessoal da Portucel, de Setúbal, 73.380\$00. Temos ali um grupo de Amigos muito empenhados. Da paróquia do Poceirão, 2.850\$00. De Águas de Moura, 11.375\$00. Do Seixal, com assinaturas e donativos, 77.960\$00.

Do Pessoal da Ad. Regional de Saúde de Setúbal, 15.230\$00; e mais quinze mil do Artur, de Albufeira, Amadora, Parede e da D. Encarnação. Vinte mil do António Carlos, da Beatriz da Costa, da Caparica; da Cova da Piedade, «partilhando a nossa riqueza com a vossa pobreza»; dum jovem casal, dum despachante oficial, de Loures e do sr. Fernandes. Vinte e cinco mil dos nossos médicos analistas, de uma Agência de Navegação, da D. Haydé, de um casal que está a criar uma menina pobre. Trinta mil da Herdade do Zambujal.

Quarenta mil da Maria de

Fátima, da Maria Antónia, da Quinta do Anjo; e, da mesma terra, uma vaca e um porco. De Schwelm (Alemanha), 31.387\$00. De Amsterdam, 50 florins. 130 dólares, dos E. U. A. Cinquenta mil de Isabel, da Zélia, de outro despachante, da Manuela, de Constantim, de Cardigos, de um trabalhador estudante e de Monchique. O Lions Club de Setúbal organizou uma **feira da ladra**, montou-nos um posto médico, fez-nos duas agradáveis e fraternais visitas e deixam 250.000\$.

Cem mil de outro despachante; de Maria José, de Lisboa; de um casal de Aveiro. Roupas e calçado, mercearia e guloseimas, alguns brinquedos e mimos. Os Escuteiros fizeram uma festa para os mais pequenos, distribuindo-lhes óptimos brinquedos. Foi pena terem feito a coisa tão precipitadamente. Os belíssimos brinquedos foram objecto de vandalismo e pretexto de fundos desgostos.

As senhoras que todas as semanas dão a tarde de segunda-feira aos gaiatos, no Lar, organizaram uma colheita de meias e juntaram várias centenas de pares. Os bolos-reis. Os bolos para o Natal da pastelaria que todos os anos se encarrega. Um sem número de atenções que só o Pai do Céu conhece, tudo aqui veio dar.

Padre Acílio

## POBRES

● Bem perto das montras bonitas moram centenas de famílias em casas degradadas: Rua da Vitória, da Bandeirinha, Rocha Soares e Miragaia (Porto).

Os estuques vão caindo... As escadas apodrecendo...

— E os ratos sr. doutor?! Os gatos têm-lhe medo!

— O seu marido?

— Muito mal! O ventre inchou.

Este, doente dos pulmões; e um filho diminuído. A cozinha é um monte de roupas sujas e coisas. Os buracos no estuque.

Enquanto observo, o tacho do caldo vai fervendo e a esposa desfiando as contas dos momentos tristes dos seus.

O «Pobres teréis sempre convosco», do Senhor, não foi para nós acolhermos os ombros em atitude fatalista do «deixa andar» — mas para acordarmos do sono e irmos ao encontro.

«Onde estão os Pobres?» Não é a primeira vez que nos fazem esta pergunta. Procuremos em nossa rua. Talvez na nossa própria família.

Que grande alcance social, se cada bairro, rua e família cuidassem dos seus Pobres!

Se continuarmos de braços cruzados à espera que o Estado ou as instituições acudam, matem a fome, esta se multiplicará.

● O «tive fome e deste-Me de comer...» em todo o mo-

mento nos interpela e julga cada um de nós, cada Pároco (que deve ser o mais sofredor pela fome de pão e de espírito nos seus fiéis) e cada comunidade cristã. Que responderá ao Senhor aquela comunidade cristã que soube organizar a festa da primeira Comunhão com tanta fartura, pompa e o esbanjamento vão, de mil contos de foguetes e não teve a coragem (como era seu dever) de colocar um telhado na casinha duma família débil? Os filhos desta família foram, também, à Comunhão e estarão presentes no julgamento. Ai de nós, cristãos, se não alijarmos de vez o nosso cristianismo de tradição e de bagatelas inúteis!

● O nosso Redentor é o grande sedento e sofredor das nossas fomes:

Fome de bens materiais; a grande sede de justiça e paz que muitas populações sentem na sua carne e alma; a fome angustiante de bens morais e espirituais. Aqui a maior dor e maior fome!

Cidade prostituta que abandonou o Senhor e, sedenta, devora dinheiro e prazer. Cada dia sua fome aumenta. Com eia a angústia e, mesmo sem se aperceber, a nostalgia de Deus.

Vamos construir o templo do Senhor no monte mais alto! Não temos outro caminho.

Padre Telmo

## Gritos jovens para meditação dos adultos

Em Verão passado, estive em uma das nossas Casas o Grupo Juvenil da mais jovem paróquia de Portimão. Encontrei, há dias, um sinal da sua passagem em umas folhas policopiadas que intitularam de «Grito Jovem». Os temas predilectos dos redactores, gente entre os 15 e 18 anos, são: a Paz, a Amizade, os Verdadeiros Valores da Vida.

Destaco dois, com pena de não poder juntar as gravuras sugestivas que os ilustram:

1 — «PORQUE o Homem destrói o MUNDO?

— PORQUE o Homem está doente.

Só vê dinheiro

Só vê poder

Só vê sucesso

PORQUE ele julga que isso é a VIDA.

Queres reconstruir o MUNDO?

— Eu QUERO.»

2 — «Sabes o que é VIVER?

— Não é apenas sobreviver

Não é apenas ganhar o sustento suficiente

Não é apenas ter casa

Não é apenas ter saúde

Não é apenas ter direito à existência

Não é apenas ter saúde.

VIVER

É sentir em todos os momentos que és um ser humano,

Que a Vida é um acontecimento maravilhoso que experi-

[mentamos com alegria

E que usamos com todo o nosso poder de estar no Mundo.»

Aí ficam estes gritos jovens para meditação dos adultos.

Padre Carlos

# TRIBUNA DE COIMBRA

Consolo-me de partilhar convosco mais prendas de Natal, para que a Festa continue nas nossas vidas, nos nossos corações.

A venda de alguns quadros que pintores do Centro ofereceram, rendeu noventa contos. A oferta foi-nos entregue no fim da festa de Natal do Centro Regional da Radiodifusão com risos e palmas de muitas crianças.

Militares de Coimbra, Aveiro, Leiria, Viseu, Castelo Branco, Tancos, Entroncamento, Tomar e Abrantes recolheram 74.168\$ e ofereceram com mensagens lindas de Boas Festas. O maior valor, para nós, está na partilha.

Dois irmãos, de Arganil, renunciaram às suas prendas e a mãe mandou-nos cheque de sete mil. Feliz a mãe e felizes os filhos. O nosso beijo para eles.

A comunidade cristã de Meãs do Campo enviou 21.000\$00, oferta de seu dia de Natal. O Povo de Deus acredita que Jesus Cristo continua a nascer e a viver Pobre.

Os meninos mais novos do Colégio de S. Teotónio, com o seu Director, vieram trazer

ofertas e ver os nossos meninos. Os educadores prepararam as crianças para a visita. Os olhos são as janelas do coração e da alma. Encantadora aquela menina que trouxe ao colo um jogador da bola e o foi colocar na cama do nosso mais pequenino!

Um grupo de cristãos de Estreito, em homenagem ao Menino Jesus, mandou 11.927\$50 com muita alegria fraterna.

A mãe, de Castelo Branco, com 83 anos, veio com cheque pela conta do filho, agradecendo connosco os dons de Deus.

Neste tempo veio uma pequenina multidão: Secretariado das Agências Funerárias com setenta mil escudos; a Confraria da Rainha Santa; o Salão Azul; grupos de empregados de alguns Bancos; alunos da escola primária de S. Jorge; um grupo de casais de Santa Maria; um grupo amigo com seis mil e bolos e mimos; um grupo de Escuteiros; muitos mimos e dinheiro da minha aldeia; um peru; um cabrito; um monte de frangos; o casal de Tomar com as filhas; a Fábrica de Curtumes; um dos primeiros Amigos com bolos, bebidas e a presença; o grande

bolo-rei e bebidas que um dos nossos nunca se esquece de oferecer.

Amiga da Covilhã; Amigo que passou; Senhora de Miranda; vales certinhos de Amigo, de Lisboa; senhora amiga, de Condeixa; um grupo de jovens, de Águeda; um devoto de S. José, em Lagos; cinco mil do Entroncamento; mil de Queluz; vales de Villar Formoso; dois mil de Canas de Senhorim; vale da Régua; Amigo, de Tomar; o casal, muito amigo, de Cebolais de Cima; Amiga, do Piodão; sacerdote de Leiria; o casal de Meãs; o casal de Pereira do Campo; a Liga Eucarística de Serpins; casal de Pombal; vale de Tomar; oito mil de Castelo Branco.

Pão que Amigo, de Anadia, veio trazer; dez mil, da Covilhã; 10.380\$00, em cheque, de Santa Comba Dão; senhoras, de Senhora do Outeiro; 36.622\$00, em cheque, de Esposende; cheque de Pombal; cheque grande, de Amiga, da Lousã; casal de Leiria; Amiga, de Soure; Amigo, de Alcains; cheque de Amadora; cheque, vale e carta da Figueira; vale de Castanheira de Pera; vale de S. João da Madeira; cheque de Ceira; carta de Vila Nova de Poiares; cinco mil e almoço na Praia de Mira; cheque da Cruz Quebrada; carta do Porto; cheque, vale e cartas do Luso; cheque, vale e carta de Cantanhede; os mimos das Irmãs de Trancoso.

Amiga, de Cabaços; Amiga, de Chão de Lamas; Amiguinha, de Pereira; um dos nossos do Laranjeiro; Amigo, de Alpedrinha; lembranças pelos vendedores: da Covilhã, Tortosendo, Fundão, Alpedrinha, Castelo Branco, Proença, Sertã, Figueiró dos Vinhos, Tomar, Leiria, Figueira e outras terras; carta de Odivelas; vale de Torres No-

## Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

dos com toda a série de questões que tal implica, lamentamos não poder, como «recoiveiros dos Pobres», visitá-los **in loco**, de maneira habitual, nos seus próprios «presépios». É caso para dizer que um dos carismas específicos dos Padres da Rua se vai perdendo por falta de gente que queira trabalhar neste sector da vinha do Senhor.

Infelizmente, quer queiramos quer não, os casos de miséria e de distorsão social vão aumentando. No ano transacto, por exemplo, registámos cerca de 180 pedidos de admissão de Rapazes. Os casos de pobreza envergonhada multiplicam-se; os reformados sem o mínimo de condições são cada vez mais; os doentes incuráveis não encontram respostas adequadas; as famílias sem casa ou vivendo em condições precárias, sobretudo nas periferias dos grandes centros, avolumam-se; a prostituição, a todos os níveis, por esta ou por aquela razão, é uma calamidade, com o seu cortejo de consequências nefastas, ao lado da droga e do alcoolismo, tipo clássico. A corrupção moral leva à miséria material e vice-versa, enquanto o fosso entre a abundância desmedida e as carências do mínimo essencial se agravam.

Na linha do Evangelho, se queremos uma fé viva e coerente, importa que a Igreja esteja presente junto dos mais fracos e desprotegidos. Presente através de iniciativas concretas, sistemáticas ou pontuais, onde quer que haja sofrimento

ou pobreza, não dizemos para solucionar cabalmente os problemas, mas para marcar uma linha de rumo e de compromisso. Instituições vocacionadas para este tipo de trabalho — nacionais, diocesanas, religiosas ou paroquiais — são indispensáveis. Se «a fé sem obras é morta», como diz o Apóstolo, importa que todos os cristãos se empenhem de maneira efectiva no cumprimento da Doutrina do Mestre. Ao contrário, tudo será farisaísmo ou mentira.

«Temos que procurar salvar os Outros, se seriamente queremos salvar-nos», escreveu Pai Américo. E «não há zeros na humanidade; tudo são números vivos», acrescentou. Se assim é, importa encarar as realidades com decisão e coragem e pedir com veemência: «Senhor dos Céus, mandai para esta liça divina gente que queira trabalhar».

◆ **Esta vida não é fácil, como calcularão. Basta-nos, porém, a satisfação de, para lá dos nossos defeitos e fraquezas, fazermos algum Bem, amando. Homens da Igreja, onde quer que estejamos, todo o nosso labor só tem sentido se feito em união com os Pastores, de quem recebemos a missão e em nome dos quais agimos. Muito nos sensibilizou, pois, a presença do Senhor D. José Policarpo na Missa da meia-noite do dia 25 de Dezembro. Registamos o facto pelo seu significado, como que prenda de Natal encorajadora para o nosso trabalho.**

Padre Luiz

## Associação dos Antigos Gaiatos da Região Norte

ASSEMBLEIA GERAL

Está convocada para o dia **3 de Março, às 14 horas**, a Assembleia Geral da nossa Associação, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Informações;
2. Discussão e votação do Relatório apresentado pela Direcção;
3. Eleição dos Corpos Gerentes.

Atendendo à importância da ordem de trabalhos, recomendamos aos antigos gaiatos da região Norte que não falem à Assembleia; pois, como é óbvio, a vida da nossa Associação depende, e muito, do interesse de todos e de cada um.

Aguardamos a tua presença — mesmo com sacrifício. Se for assim, mais frutuosa será para bem da Associação de todos nós.

Carlos Gonçalves

vas. Ficamos sempre tão contentes quando aparecem mães agradecidas daqueles que ajudamos a criar!

Casal da Mealhada; casal de Santa Cita; visitas da Batalha; cheque de Mem Martins; cinquenta, em cheque, de Cardigos; Amiga, de Nisa; Amiga, de Vale Prazeres; Amiga, de Medelim; casal amigo, de Elvas; vale de Almeirim; Amigas: de Verride, Abrunheira e Reveles; Amigas, das Carvalhosas.

Todos os que se encontra-

ram comigo nas ruas de Coimbra, em Santa Cruz ou em qualquer parte. Todos quantos foram deixar na Casa do Castelo e foram muitos. A Maria Teresa que o diga. Muitos que subiram e desceram para entregarem no nosso Lar. Todos os que mandaram pelo correio ou vieram trazer a nossa Casa. Um mundo de boas obras que só Deus conhece. A Ele toda a Honra e toda a Glória!

Padre Horácio

## Lares para Crianças e Jovens

Cont. da 1.ª pág.

dos do meio familiar não são reduzidos ao económico, antes se tem em vista uma diversidade enorme de casos que pedem um atendimento específico, pelo que é bem não procurar uma solução única para todos eles. Uma, sim, tem de ser a qualidade possuída pelos promotores das respostas: «pessoas idóneas, dotadas de experiência e sensibilidade necessárias à função de substituição, permanente ou temporária, dos pais das crianças e jovens». Uma, sim, pela exigência de homogeneidade entre o mal e o remédio, tem de ser a característica fundamental dos diversos lares que se propõem responder: à falta da família própria ou ao desajustamento dos menores em relação a ela, só uma instituição de tipo familiar pode equivaler. De resto, a substituição no texto legal de todos os nomes do passado, ultrapassados — internato, asilo, orfanato... — pelo nome genérico de **lar**, é sintoma de adesão àquele princípio que Pai Américo enunciou de forma tão breve quanto exaustiva e bela: «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão».

Daí que «a reconversão total ou parcial dos estabelecimentos que já se não ajustem à situação diagnosticada no meio onde se inserem» não se fique na mera mudança dos nomes, mas se faça por esta linha de «regresso». E a quem na fizer se pede, necessariamente, a «qualidade humana» de isenção de mente mercenária e uma «qualidade técnica» cuja essência é a que Pai Américo apontou: «Técnico é aquele que ama». Achar quem... — eis a maior dificuldade.

Todavia, os problemas destes menores desinseridos são, quase sempre, o efeito de males que afectam a Instituição Familiar, os quais a Segurança Social não pode ignorar nem deve deixar

de atender quanto antes.

Os lares são um serviço de urgência que assume proporções demasiadas porque não está estruturada a nível da Família a prevenção necessária que evite nas causas os problemas de muitos menores desinseridos. Enquanto tal prevenção não existir, estes problemas são poço sem fundo — nunca têm resposta suficiente. E, no entanto, ela já é maior do que devia ser!

Trata-se de uma terapêutica de muito maior amplitude, difícil, que envolve a acção de muitos outros sectores da **coisa pública** tais como a Educação, a Justiça, o Trabalho, a Saúde... — acção que devia ser concertada e integrada por um pelouro próprio, o da Família. Já tivemos (efémeramente!) uma Secretaria de Estado da Família, agora reduzida a Direcção-Geral; e não era demais que fosse um Ministério, poderoso na intercomunicação com outros, que reflectisse e fizesse reflectir as incidências de muitas medidas (e da ausência de outras!) sobre a sanidade da Instituição Familiar.

O presente decreto-lei devia ser um corolário de outros documentos legais, com certeza mais ambiciosos, mas indispensáveis para reduzir este à dimensão que lhe é própria; os quais redundariam numa futura grande economia, sobretudo de valores humanos. Quando surgirá esta visão global e a vontade política de ir até onde ela levar?

O diploma a que nos referimos, insiste na ideia de reconversão, certamente necessária em muitos casos. Oxalá o legislador aproveite a maré que produz e não enjeite a urgência da sua própria reconversão.

Padre Carlos



Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Janeiro: 56.950 exemplares.